

A utilização da sensibilidade pela intelligencia⁷ faz-se de trez maneiras:

O processo classico, que consiste em eliminar da sensação ou emoção tudo que nella é de veras individual, extrahindo e expondo tamsomente o que é universal.

O processo romantico, que consiste em dar a sensação individual tam nitida- ou vividamente, que ella seja acceite, não como cousa intelligivel, mas como coisa sensivel, pelo leitor, visor ou auditor.

Um terceiro processo, que consiste em dar a cada emoção ou sensação um prolongamento metaphysico ou racional, de sorte que o que nella, tal qual é dada, seja inintelligivel ganhe intelligibilidade pelo prolongamento explicativo.

Supponhamos que tenho uma aversão intima pela côr verde, e que quero transformar esta aversão, que é uma sensação, em expressão artistica. Pelo processo classico, procederei da seguinte maneira: (1) Lembrar-me-hei que a aversão pela côr verde é puramente individual, que, portanto, a não posso transmittir a outrem, tal qual é; (2) deduzirei que, assim como tenho aversão pela côr verde, outros terão aversão por outras côres; (3) traduzirei a minha aversão pelo verde em aversão por "certa côr", e cada um que leia verá na aversão assim traduzida a côr particular com que elle tem aversão. Pelo processo romantico, buscarei pôr tal horror nas phrases com que exprimo o meu horror pelo verde que o leitor fique presa da expressão do horror, esquecendo precisamente em que se fundamenta. Vê-se, pois, que o processo romantico consiste num tratamento intensivo dos elementos expressivos, em desproeito dos elementos fundamentais, da sensação. Pelo terceiro processo, porei nitidamente a minha aversão pelo verde, e accrescentarei, por exemplo, "é a côr das coisas nitidamente vivas que não de tam depressa morrer". O leitor, embora não collabore commigo na minha aversão pelo verde, comprehenderá que se odeie o verde por aquella razão.

Pelo processo classico sacrifica-se o mais nosso da sensação ou da emoção, em proveito de tornar-a comprehensivel. Porém o que tornamos comprehensivel é um resultado intellectual d'ella. De ahí o ser a poesia classica intelligivel em todas as epocas, porém em todas fria e longinqua.

BNP/E3, 72 - 55^r

(2)

No meu phantasma Alberto Caeiro sirvo-me instinctivamente do terceiro processo aqui indicado. Embora pareça espontanea, cada sensação é explicada, embora, para fingir uma personalidade humana, a explicação seja velada na maioria dos casos.

Ha uma côr que me persegue e que eu odeio,
Ha uma côr que se insinua no meu medo.
Porque é que as côres teem força
De persistir na nossa alma,
Como phantasmas?
Ha uma côr que me persegue, e hora e hora
A sua cor se torna a cor que é a minha alma.

O verde! O horror do verde!
A oppressão angustiosa até ao estomago,
A nausea de todo o universo na garganta
Só por causa do verde,
Só porque o verde me torda a vista,
Ae a propria luz é verde, um relampago parado de verde...

Odeio o verde.
O verde é a côr das coisas jovens
- Campos, esperanças, -
E as coisas jovens hão de todas morrer,
O verde é o prenuncio da velhice,
Porque toda a mocidade é o prenuncio da velhice.

Uma côr me persegue na lembrança,
E, qual se fôra um ente, me submete
A sua permanencia.
Quanto pode um pedaço sobreposto,
Pela luz á materia escura encher-me
De tédio ao amplo mundo!

Transcrição

No meu phantasma Alberto Caeiro sirvo-me instinctivamente do terceiro processo aqui indicado. Embora pareça espontanea, cada sensação é explicada, embora, para fingir uma personalidade humana, a explicação seja velada na maioria dos casos.

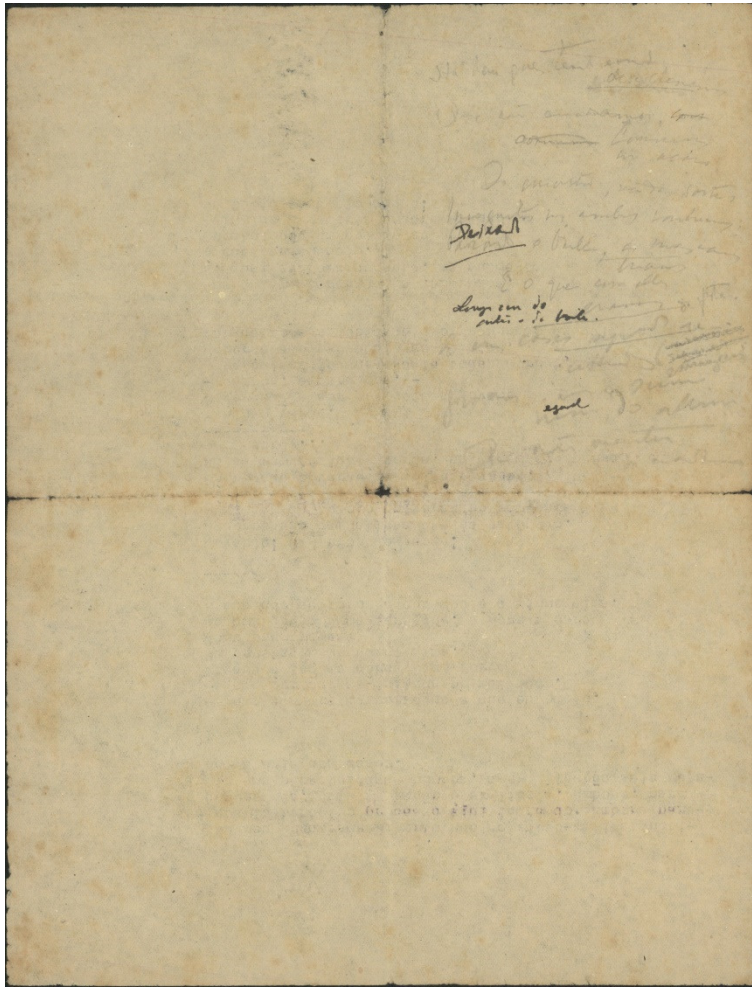
Ha uma côr que me persegue e que eu odeio,
Ha uma côr que se insinua no meu medo.
Porque é que as côres teem força
De persistir na nossa alma,
Como phantasmas?
Ha uma côr que me persegue, e hora e hora
A sua côr se torna a côr que é a minha alma.

O verde! O horror do verde!
A oppressão angustiosa até ao estomago,
A nausea de todo o universo na garganta
Só por causa do verde,
Só porque o verde me torda a vista,
Ae a propria luz é verde, um relampago parado de verde...

Odeio o verde.
O verde é a côr das coisas jovens
- Campos, esperanças, -
E as coisas jovens hão de todas morrer,
O verde é o prenuncio da velhice,
Porque toda a mocidade é o prenuncio da velhice.

Uma côr me persegue na lembrança,
E, qual se fôra um ente, me submete
Á sua permanencia.
Quanto pode um pedaço sobreposto
Pela luz á materia escura encher-me
De tédio ao amplo mundo!

BNP/E3, 72 - 55v



Transcrição

Stá bem que, tendo amado, descobrissemos,
Que não amamos, ~~quando amamos~~ |*transeuntes| ao accaso
Do encontro, não da sorte,
Incognitos pois ambos sonhávamos.
Passado /Deixado\ o baile, as mascaras tiramos
E o que com ellas eramos da festa
Longe eu do vilão e do baile.

|*E em casa seguindo-se olhares estrangeiros
Jazíamos com o somno nosso/igual\ do alheio|
Que não mostra nada.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).